

Real ainda mantém desigualdades

Conhecido pela teoria sobre os danos da inflação na arrecadação de impostos - que ficou conhecida como "efeito Tanzi" - o diretor do Fundo falou sem constrangimentos de temas polêmicos no Brasil. Alheio às disputas internas de se tentar recompensar os Estados com o dinheiro da venda de empresas estatais, como a Companhia Vale do Rio Doce, Tanzi apoiou a tese do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e defendeu com veemência a utilização da receita da privatização na amortização da dívida interna. "A privatização não é uma panacéia fiscal ou macroeconômica", comentou. "Mas se for dissipada rapidamente em gastos adicionais, poderá não trazer benefícios significativos para as finanças públicas", afirmou.

O economista disse que o Plano Real melhorou a renda da popula-

ção mais pobre, mas não reverteu as disparidades sociais do País. Ele defendeu melhor qualidade do uso de recursos nas áreas de educação e saúde, para favorecer as classes mais pobres, e tocou em uma ferida: o programa de socorro dos bancos estaduais que, para ele, poderá diluir ao longo do tempo uma solução e resultar "em vultosos acréscimos à dívida pública". Além disso, recomendou que o governo fique atento aos gastos políticos dos estados às vésperas das eleições municipais.

Malan, que estava no seminário, disse que não discordava de nenhum dos pontos do discurso de Tanzi, que leu no final de semana. E fez questão de lembrar ao auditório que o Brasil já não mantém nenhum acordo com o Fundo Monetário Internacional.